

PROJETO BGV ROLEZINHO: UMA ESTRATÉGIA DIGITAL *BIOPOLÍTICA* PARA GERÊNCIA DA JUVENTUDE NA CIDADE DO RIO GRANDE-RS

Evandro dos Santos Nunes¹
Luiz Felipe Alcântara Hecktheuer²

Resumo: Este texto dedica-se a problematizar o projeto denominado *BGV Rolezinhos* e suas estratégias digitais, tomando-as como artifícios para governar as crianças e jovens do bairro Getúlio Vargas da cidade do Rio Grande - RS. O projeto faz parte do *Programa BGV na Paz* e se constitui por meio do funcionamento de oficinas. Além das oficinas, o projeto traz como estratégia as mídias sociais para acessar e dialogar com indivíduos da periferia, com vistas a gerir homicídios na cidade e no bairro. O projeto é tratado por nós como uma *biopolítica* que investe na vida da população local para fazê-los viver e evitar que os mesmos venham a se interessar pela drogadição e criminalidade.

Palavras chave: Mídias digitais; projeto social; *biopolítica*; governar

Project BGV Rolezinho: a biopolitical digital strategy for youth managing in the city of Rio Grande

Abstract: This text dedicates to problematize the Project denominated *BGV Rolezinhos* and its digital strategies, taking them as artifices to govern the children and younger of the Getúlio Vargas neighborhood in the city of Rio Grande -RS. The Project is part of the *Programa BGV na Paz* program and is constituted by workshops. Beyond the workshops, the Project brings the strategies the social media to access and dialogue with individuals of the peripheries, with the purpose to managing homicides in this city and neighborhood. The Project is treated by us like biopolitics who invest in the life of a local population to making them lives and avoid that they become interested in drug addiction and criminality.

Keywords: Digital media; social project; biopolitics; govern

Este texto compõe parte de uma pesquisa realizada através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, iniciada no ano de 2015 e finalizada no ano de 2017. A temática abordada na investigação foi uma política de segurança denominada *BGV na*

¹ Universidade Federal de Rio Grande.

² Universidade Federal de Rio Grande.

*Paz*³, composta de vários projetos, no qual, o *BGV Rolezinhos* constitui-se como uma delas para realizar enfrentamentos ao problema da violência na cidade do Rio Grande - RS.

Dessa maneira, o projeto *BGV Rolezinhos* tem sido uma estratégia de combate a uma proliferação de homicídios no bairro Getúlio Vargas - BGV desta cidade. Os homicídios tornaram-se um problema na cidade no ano de 2014 e o bairro localizado acima foi tratado como epicentro dos confrontos seguidos de morte. Neste sentido, o projeto *BGV Rolezinhos* vem a responder uma demanda de contenção à violência e o mesmo foi associado às mídias sociais como forma de funcionamento.

A principal mídia digital utilizada são duas páginas do facebook, nas quais, existem uma grande quantidade de indivíduos do bairro conectados à esta rede social. Por meio desta ferramenta os contatos e interações entre o projeto social e seu público estão se dando na atualidade e a imbricação de ambos se constitui como uma novidade no funcionamento dos projetos de intervenção na região.

O PROJETO BGV ROLEZINHOS

O *BGV Rolezinhos* é um projeto social produzido e colocado em funcionamento na cidade do Rio Grande - RS no ano de 2015. Durante o ano de 2016 e 2017 o projeto teve um recesso, mas em 2018 foi novamente colocado em movimento. Tal ação constitui-se, por meio de uma série de oficinas educativas, destinadas às crianças e jovens das escolas municipais e estaduais do bairro Getúlio Vargas desta localidade. Entre as suas principais oficinas, destaco: a grafiteagem, o atletismo, o jiu-jitsu, a pintura, o desenho e o cinema.

As oficinas foram/são planejadas para evitar que os sujeitos escolares, uma vez que os mesmos são constituídos como seu público alvo. Assim, os sujeitos escolares são tratados como público da prevenção de delitos, ou seja, indivíduos dos quais procura-se, através das oficinas, prevenir seu envolvimento no tráfico de drogas e nos homicídios.

³ Programa Municipal de Segurança Pública destinado ao bairro Getúlio Vargas da cidade do Rio Grande- RS. Tal programa assumiu para si uma condição de funcionamento transversal que busca atingir vários âmbitos da vida dos sujeitos do bairro para evitar que os mesmos sejam atraídos pelas situações criminais na localidade.

Dessa maneira, as crianças e jovens do bairro Getúlio Vargas são tomados como indivíduos possíveis na questão de “livrá-los” ou “salvá-los” dos modos de viver tidos como perigosos, dos quais ficar em esquinas, evadir a escola, pixar pontos do bairro somam-se aos comportamentos indicados acima. No ano de 2015 a ação desenvolveu-se em cinco encontros, cujo funcionamento foi acompanhado desde seu planejamento até a execução. Na atualidade, seu funcionamento é semanal e o acompanhamento das oficinas estão se dando via meio digital.

Um fator importante a ser registrado é que os meios digitais se constituem como ferramenta principal de contato entre proponentes e público alvo do projeto *BGV rolezinhos*. Dessa forma, uma página do facebook que leva o nome do bairro abreviado seguido da denominação rolezinho (*BGV rolezinhos*) e alguns avisos de ações em grupos do whatsapp foram e são as estratégias de comunicação.

O objetivo deste texto é problematizar o projeto *BGV rolezinhos* e suas estratégias digitais, tomando-as como artifícios para atrair, alcançar, educar e governar o público que o mesmo deseja. Como ferramenta de produção de dados acompanhamos presencialmente cinco oficinas do projeto durante seu funcionamento, bem como, mantivemos um olhar atento às publicações sobre o mesmo nas redes sociais.

O investimento neste trabalho, justifica-se pela importância de discutir uma bricolagem avistada por nós, quando um projeto social (*BGV rolezinhos*), utiliza-se da nomenclatura de um movimento social denominado rolezinhos (jovens periféricos reunindo-se nos shoppings das capitais brasileiras) para acessar crianças e jovens de uma periferia local.

Tal bricolagem além de possibilitar o acesso aos sujeitos, através das redes sociais, estabelece uma forma de gerir e governar uma parte desta população que é tida na atualidade como potencial problema de segurança.

O MOVIMENTO ROLEZINHOS COMO PROBLEMA NO CENÁRIO MACRO

O ano de 2014 foi um marco em termos de movimentos sociais. Aponta-se esta situação, em função que além das manifestações políticas que tomaram conta de todos os cantos do país na época, um movimento de

encontros de jovens das periferias na cidade de São Paulo- SP, tendo como ponto os *shoppings centers* da região, tornou-se um problema a ser resolvido.



O movimento refere-se aos famosos rolezinhos que tiveram seu início na cidade destacada acima e posteriormente migraram para outras capitais dos Estados como Minas Gerais - MG e Rio de Janeiro - RJ. O rolezinho nasceu sem grandes pretensões, e configurou-se inicialmente na organização de encontros por parte de celebridades periféricas (cantores de rap, funk e youtubers) que através das redes sociais, entre as principais o facebook, mobilizavam alguns jovens, em especial os fãs, para encontros visando tirar fotos e dar autógrafos.

O movimento em sua fase inicial constituiu-se para os fins indicados acima. Com a visibilidade dos encontros, a ideia por parte dos jovens de demonstrar alguma ostentação de bens de consumo, como roupas e artefatos de grife passou a ser um dos veículos condutores do movimento. Dessa forma, não bastava mais aos mesmos irem ao encontro para registrar contato com as celebridades, mas também, namorar, cantar funk e demonstrar algum poder de consumo.

Segundo Pinheiro-Machado e Scalco (p.2, s.d):

Recentemente, o fenômeno conhecido como *rolezinho* ganhou ampla visibilidade nacional e internacional. Trata-se de adolescentes das periferias urbanas que se reúnem em grande número para passear, namorar e cantar funk nos shopping centers de suas cidades. O evento causou apreensão nos frequentadores e, conseqüentemente, fez com que alguns proprietários dos estabelecimentos conseguissem o direito na justiça de proibir a realização dos rolezinhos, barrando o acesso dos jovens. Desde então, emergiu um amplo debate sobre a ferida aberta da segregação racial e social na sociedade brasileira, uma vez que a maioria desses jovens é composta por negros e pobres.

Apoiado nas informações do excerto, um problema social constituiu-se na época e a necessidade de combatê-lo pelas vias das autoridades governamentais ganhou força. Neste cenário, os encontros que reuniram sujeitos das periferias, em sua maioria negros e pobres foram “associados a arrastões, à violência e a algo perigoso” (FRANÇA; DORNELAS, 2014, p. 3).

Em meio às situações que foram compondo e modificando os rolezinhos, a proporção que ele ganhou tinha implicações diretas com a utilização, por parte dos jovens, das ferramentas das mídias sociais. A utilização desta, estava

associada à facilidade de comunicação e ao poder de organização que a mesma proporcionou, constituindo-se como peça fundamental dos encontros.



A utilização das mídias sociais, que instigaram a emergência e o fortalecimento do rolezinhos, foram possíveis devido ao “aumento do poder de consumo das classes populares brasileiras” (MENDONÇA e JORDÃO, 2014, p. 2) nos últimos anos. Dessa forma, com o aumento do poder aquisitivo foi possível aos jovens da periferia adquirir produtos tecnológicos como o computador, o celular, a internet e a se organizarem para os encontros.

Para França e Dornelas (2014, p.9):

Ao analisar os rolezinhos como fenômeno social, é preciso atentar-se para o papel significativo das novas tecnologias. Convocações para encontros de jovens em shopping centers ou outros locais não é novidade. Isto sempre existiu. O que merece destaque é como essas novas oportunidades de interação podem ser amplificadas pelas mídias sociais, seja aumentando o alcance do convite, seja difundido com mais velocidade a repercussão do evento.

Outro fator a ser destacado sobre os rolezinhos é a prática dos jovens se constituindo em número elevado escaparem de constrangimentos quando estão no local. Aponta-se esta situação, já que quando a população periférica, em número reduzido sai da periferia para passeios nesses locais, acaba sendo vítima de “olhares” preconceituosos por parte dos indivíduos que costumam habitar os *shoppings* no dia-a-dia (VIANA, 2014).

Os olhares preconceituosos se dão a partir de duas questões: a primeira é que os indivíduos das periferias, mesmo tendo seu poder de compra elevado nos últimos anos, são tidos como incapazes de consumir os produtos vendidos no local. A segunda questão, é que a presença dos mesmos naquele espaço causa transtornos já que sobre quem reside nas periferias repousa a ideia que são sujeitos nascidos para ações criminais.

Viana (2014, p. 4) em relação aos rolezinhos faz a seguinte afirmação:

Agora, se, ao invés de um, são 10, 20, 100 aí é um fenômeno coletivo que provoca algo mais, provoca uma reação coletiva também e quanto maior é a quantidade, mais forte é a reação. A reação geralmente é de medo. Quando é o indivíduo isolado dos

estratos mais baixos [...] que vai ao Shopping, ele sente uma dose de medo, misturado com vergonha e outros sentimentos e representações. Agora, quando são muitos, o medo passa para o outro lado.

A presença dos jovens periféricos nos *shoppings centers* não foi tomada como uma ação positiva. Inclusive, tal presença destaca um choque de comportamentos sociais, no qual, o público que visita os *shoppings* diariamente são tidos como detentores de uma condição cultural superior, e os jovens da periferia, “estranhos” (BAUMAN, 2001), são tratados como de cultura inferior.

Ao se estabelecer o choque de culturas, no qual, uma é tratada como superior e a outra como inferior, é possível fazer relação desta interação dentro daquilo que Elias e Scotson (2000 p. 27) trataram como “configuração estabelecidos-*outsiders*”. Na obra dos autores, os primeiros (estabelecidos) compõem um grupo de indivíduos de prestígio e poder de uma sociedade, tratados como os detentores dos bons costumes, os guardiões do bom gosto e os membros da boa sociedade.

Em contrapartida, os segundos (*outsiders*), tratados como os não membros da “boa sociedade”, estigmatizados, indignos, indisciplinados e desordeiros. Tais expressões são utilizadas pelos autores e as situações que as seguem podem ser coladas nas relações de poder que interpelam os jovens dos rolezinhos quando eles passam a visitar os *shoppings centers*.

No momento atual, ou seja, um período que esse movimento perdeu força, o termo rolezinho foi utilizado na cidade do Rio Grande-RS para denominar um projeto social de intervenção em uma periferia local. O nome do projeto construído é *BGV rolezinhos* e o mesmo se propõe a atuar por meio da noção da gerência dos riscos sociais, relacionados às crianças e adolescentes tidos como em situação de vulnerabilidade social.

O projeto *BGV rolezinhos*, enquanto uma política pública não se apropriou apenas da nomenclatura do movimento e das crianças e os jovens nas suas práticas. Pode-se destacar, que as mídias sociais como estratégia para acessá-los e manter uma comunicação com os mesmos, também foi incorporado pela política.

Em relação aos sentimentos que cercavam o funcionamento dos rolezinhos nas capitais, o medo por parte de determinadas camadas populacionais das cidades era o fator de movimentação para enfraquecer o movimento. No cenário micro da cidade do Rio Grande-RS, o medo também

tem implicações no rolezinho como política pública, só que desta vez, o que se deu foi um sentimento pautado na ideia que a política, por meio de encontros de crianças e jovens para a prática de oficinas pode evitar males, principalmente os homicídios e envolvimento com a drogadição.

Logo a seguir as explicações sobre os acontecimentos que construíram o rolezinho como política social estratégica, dar-se-ão com mais potência.

A HISTÓRIA DO PROJETO *BGV ROLEZINHOS* NA CIDADE DO RIO GRANDE - RS E SUA RELAÇÃO COM CENÁRIOS MICROS

A cidade do Rio Grande - RS tem produzido na atualidade diversos projetos sociais parecidos com o *BGV rolezinhos*. Posto tal argumento, pode-se dizer que parte deles foram mapeados e tornaram-se alvo de nossas problematizações em períodos anteriores. Nesse cenário, e sob os resultados produzidos das investigações no passado, deparamo-nos com a emergência de projetos sociais de intervenções nas periferias da cidade que carregavam consigo denominações chamativas a crianças e jovens das periferias locais.

Dessa maneira, determinadas denominações de projetos davam a entender que foram construídas sob tentativas de ser atrativas, de conquistar e capturar as crianças e adolescentes sobre os quais ambicionavam investir. Portanto, denominações de projetos sociais como: *Elos de Amor*⁴, *Punhos da Esperança*⁵, *Eis-me Aqui*⁶, *Atleta do Futuro*⁷ e *Semente Olímpica Investimento Social*⁸, são exemplos do que foi apontado.

Todas estas práticas foram construídas e movimentadas sob a égide de combater o que entendiam como vulnerabilidade social. Na atualidade, muitas das ações indicadas acima já não funcionam e outras foram produzidas, neste sentido, a “política do momento” é o projeto *BGV rolezinhos*.

⁴ Projeto social que utiliza da capoeira como atividade principal.

⁵ Projeto social que utiliza do boxe como atividade principal.

⁶ Projeto social que buscava através de atividades como dança, pintura, artesanato e futebol diminuir desigualdades entre sujeitos das periferias.

⁷ Projeto que utilizava de diversas práticas esportivas como veículo para a cidadania

⁸ Projeto social e escolinha esportiva que utiliza do futsal como forma de massificação do esporte.

Este último é uma ação que constitui parte do Programa Municipal de Segurança Pública denominado *BGV na Paz*, bem como, constitui-se como uma resposta a uma demanda de contenção de homicídios no bairro Getúlio Vargas. Os confrontos seguidos de mortes foram alarmados por estatísticas contemporâneas tornando-os um problema maior do que foi no passado. Pode-se dizer que a proliferação no número de homicídios se deu a partir do ano de 2014, e na atualidade continua como um perigo a ser combatido.

Este entrave social foi um dos disparadores na produção do projeto *BGV Rolezinhos*, ou seja, o mesmo atua para enfrentar a demanda configurando-se para a conquista da paz no bairro e na cidade. Além deste fator, alguns envolvimento de indivíduos menores de idade em ocorrências criminais nos últimos anos, vieram a legitimar o funcionamento do projeto. Um exemplo desta afirmação deu-se no ano de 2016 quando:

Um menino de 16 anos [...] morreu, na manhã de ontem (9), após ser atingido por um tiro no rosto. Disparo este realizado por um amigo também menor, de 14 anos, praticamente em frente à escola Alcides Barcelos, no bairro Getúlio Vargas, onde a vítima estudava. O adolescente foi socorrido, mas não resistiu. Por coincidência, essa escola deveria estar sediando programas e políticas públicas do Território da Paz. (JORNAL AGORA, 2016, p.9).

Contudo, é necessário apontar outra situação que tem implicação direta na produção da política no bairro. O fato refere-se a um evento de proporção regional, também denominado de *rolezinho*. Este último foi uma produção do Programa *RS na Paz*⁹ do Governo do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2014, quando este foi anunciado na cidade do Rio Grande - RS.

Este programa teve como uma de suas propostas à organização e o funcionamento de um *rolezinho* esportivo na cidade de Porto Alegre - RS, onde tal evento reuniu crianças e adolescentes que residiam nos chamados *territórios de paz*, ou seja, em locais onde o programa havia sido contemplado para funcionar. Segundo a Prefeitura Municipal do Rio Grande (s.p, 2014) o *rolezinho* esportivo foi:

[...] organizado pelo programa RS na Paz, em parceria com a Secretaria do Esporte e do Lazer do Estado, a Fundação de Esporte e Lazer do RS (Fundergs) e a Secretaria da Segurança

⁹ Programa Estadual de segurança pública que buscava diminuir os níveis de violências, através de projetos de policiamento ostensivo e outras práticas educativas.

Pública. Reunindo mais de 500 jovens e adultos dos dez territórios gaúchos e de três cidades convidadas, o festival teve o objetivo de enfrentar a violência através da ocupação da juventude em atividades de qualidade, promovendo a integração e a mobilização das comunidades integrantes das regiões participantes por meio do atletismo. Além disso, as atividades tiveram a intenção de contribuir no desenvolvimento integral e na cidadania consciente dos participantes. Ao longo do dia os atletas disputaram 13 modalidades divididas em quatro categorias: mirim, infantil, juvenil e adulto. Para aguentar o ritmo das provas e o forte calor, os participantes receberam muita água e lanches, nos turnos da manhã e tarde, além do almoço. Os participantes do Rio Grande, todos do Bairro Getúlio Vargas (BGV) - onde está instalado o Território da Paz -, venceram as 10 modalidades na coragem. Participantes de projetos sociais, como Semente Olímpica (em conjunto com a Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer - SMTEL), lutas marciais do mestre Canhoto, entre outros, nunca haviam participado das modalidades e não tiveram tempo suficiente para uma preparação antes das provas. Mesmo assim, saíram vitoriosos de provas, como salto à distância mirim feminino, bem como arremesso de peso mirim feminino, 600m raso mirim feminino, entre outros. Os 22 atletas receberam medalha de participação e o Município, troféu de participação. O primeiro Rolezinho Esportivo encerrou com muita música e festa durante a premiação. Participaram integrantes dos Territórios de Porto Alegre (Restinga, Lomba do Pinheiro, Santa Teresa e Rubem Berta), Canoas (Mathias Velho e Guajuviras), Esteio, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul, Rio Grande, Vacaria e Nova Santa Rita.

É importante registrar que os programas *RS na Paz* e *BGV na paz* são descendentes de macropolíticas de segurança e dessa maneira, o rolezinho foi estratégico nesses dois programas. Como não houve possibilidade de funcionamento¹⁰ do *RS na Paz* na cidade do Rio Grande-RS, o *BGV na Paz* ocupou seu lugar agregando a si algumas políticas do programa anterior.

O projeto *BGV rolezinho* tem sua atuação por meio de atividades culturais destacadas na proposição de oficinas de diversas atividades como o grafite, a pintura, a dança, o skate e algumas práticas esportivas. A principal diferença do projeto *BGV rolezinho*, quando comparado a outras políticas do

¹⁰ Não houve possibilidade de funcionamento devido a entrada de um novo Governo no Estado do Rio Grande de Sul, e com outras propostas de administração pública.

mesmo cunho na cidade, é a potente utilização das mídias sociais como ferramenta de acesso a população escolar do bairro Getúlio Vargas.



As mídias sociais a serviço do projeto são duas páginas do facebook, no qual, a primeira possui 198 indivíduos adicionados e o segundo possui 1.669 pessoas na mesma condição. O segundo perfil na atualidade é a ferramenta que está mais potente, e é dali que seguem as informações sobre eventos, oficinas, campeonatos, encontros e etc. A página que possui uma quantidade menor de seguidores, não indica quem é o administrador, já a segunda, com maior número de seguidores, tem como administrador a Secretaria de Município e Cidadania e Assistência Social (SMCAS).

A informação da quantidade de pessoas que estão conectadas as páginas demonstram que as mesmas têm um acesso potente ao meio virtual, seja por computadores ou por celulares. Segundo França e Dornelas (2014, p. 9) [...] “neste cenário, o celular e a conexão mobile também assumem papel central nas interações”. Aproveitando a possibilidade de acesso às mídias sociais, o projeto *BGV Rolezinhos* é interpelado a funcionar apoiado em tais tecnologias.

A título de exemplo da relação via meio digital, um evento realizado no dia 28 de abril de 2018 teve uma publicação de chamamento aos estudantes das escolas locais para um campeonato de skate. A linguagem utilizada no meio digital possui características que dialogam com a população a ser alcançada. A seguir destaca-se a publicação na página do facebook da política.

Figura 1 - Imagem da publicação sobre evento de oficinas do projeto



Bgv Rolezinhos está com Alisson Saggiomo Juliano e outras 9 pessoas.

23 de abril · 🌐

Salve, galera!

Neste dia 28 de abril, sábado à partir das 16 hrs, estaremos realizando o evento "Role de rua" no Bairro Getúlio Vargas.

O evento vai contar com diversas atrações, confira:

- Mostra Artística
- Apresentações musicais
- Campeonato de skate(Game of Skate)
- Campeonato de basquete (Trio)
- Artesanato
- Graffiti
- Show de pipas
- Mostra de Tranças
- Roda de Capoeira
- Oficina de Construção de Tambores

Convide seus amigos e venha prestigiar o Role de rua do BGV.

EM BREVE INFORMAÇÕES SOBRE INSCRIÇÕES NOS CAMPEONATOS



Fonte: retirada da mídia social do *BGV Rolezinhos*

Percebe-se com a publicação apresentada que a mídia social em questão foi tornada um potente fator de transmissão de informações aos participantes do projeto *BGV Rolezinhos*. Porém a utilidade da mesma não se constitui apenas

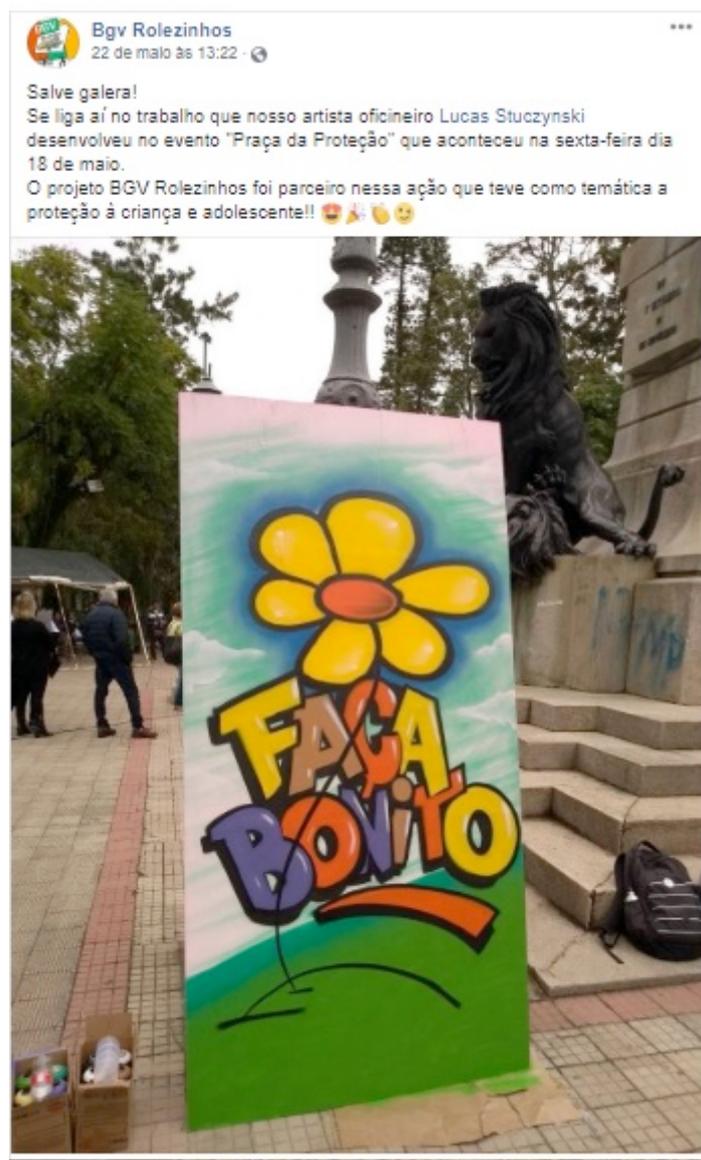
na transmissão. Em publicação na página no dia dois de maio de 2018, após a realização do evento apontado acima, um informativo destacando e demonstrando os registros visuais da participação das crianças e dos jovens, mostra que a página serve também como lugar de prestação de contas sobre os acontecimentos do evento. A publicação teve 71 curtidas e cinco comentários dos envolvidos na ação.

Figura 2 - Imagem com informações de oficinas realizadas do projeto



Para um evento realizado em um sábado 71 curtidas não gera repercussões como nos rolezinhos (encontros nos shoppings) mas demonstra que o projeto possui um alcance considerável na localidade. Indo além, no dia 22 de maio de 2018 outro evento, desta vez de grafite foi realizado na Praça Tamandaré. O evento teve como temática a proteção da criança e do adolescente, no qual uma tela foi pintada como símbolo do evento. A publicação que está destacada abaixo teve 68 curtidas e 12 comentários.

Figura 3 - Imagem da oficina de pintura do *BGV Rolezinhos*



Fonte: retirada da mídia social do *BGV Rolezinhos*

Mesmo saindo das imediações do bairro Getúlio Vargas, o alcance do evento em termos de visualização continuou de maneira potente. Ao sair do local de intervenção e ter o funcionamento em uma das principais praças da cidade, é possível apontar que o deslocamento vem a ser um demonstrativo, aos indivíduos do centro da cidade, que algo está sendo realizado, em termos governamentais.

É como uma prestação de contas para buscar aliviar a sensação de intranquilidade que os moradores centrais têm da periferia. Este evento utilizou também da grafiteagem como possibilidade de intervenção indicando que as crianças e jovens do bairro devem ser protegidos. Tal proteção estabelecida constitui-se como forma de governar essa parcela do bairro por meio das oficinas.

A grafiteagem é uma atividade que tem força de diálogo com os indivíduos das periferias e ela é uma oficina potente no *BGV rolezinhos*. Apontamos esta informação em função que parte das escolas já foram grafitadas, a associação do bairro e uma série de outros espaços também, como fica demonstrado na imagem abaixo.

Figura 4 - Grafiteagem da parede da escola

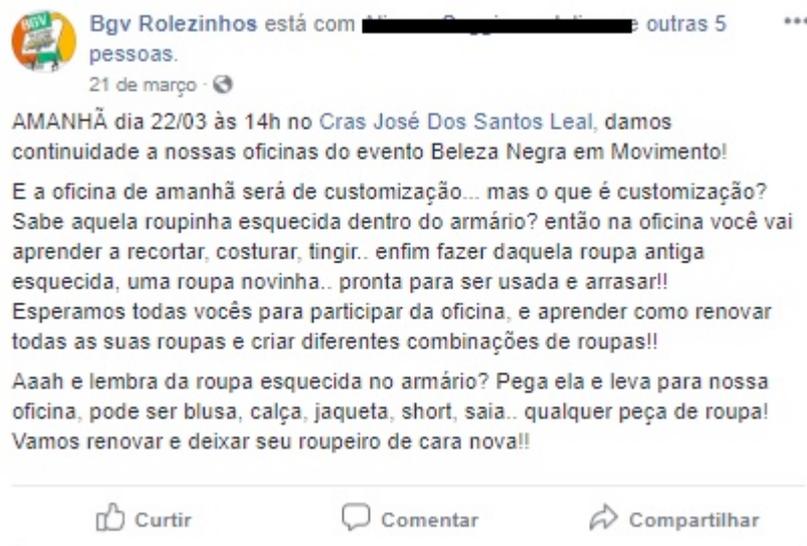


Fonte: produção da imagem com dispositivo próprio.

Produções como estas, advindas das oficinas, são publicadas na página do facebook e além de demonstrar o que foi realizado na intervenção possibilita que diversas crianças e jovens busquem participar das próximas interações e deixem-se capturar. Portanto, a estratégia de conexão das oficinas com as mídias sociais estabelece uma maneira articulada diferente de captura para educar e governar, quem ainda não se aproximou do projeto.

No dia 22 de março de 2018, outro evento do projeto foi realizado tendo como tema a Beleza Negra em Movimento. Assim como a grafiteagem e o skate, a oficina descrita abaixo tem um papel de diálogo acentuado com a população daquele espaço, uma vez que os habitantes da região são de pele negra. Este fato demonstra que eixos comunicativos das periferias também são estratégicos na relação com as mídias sociais e com o projeto.

Figura 5 - mídia social do *BGV Rolezinhos*



Fonte: retirada da mídia social do *BGV Rolezinhos*

As oficinas constituem-se como atividades educativas funcionando a serviço primeiramente, da aproximação com a população local e posteriormente para a normalização de relações que são apontadas pelas estatísticas como violentas. Segundo Nogueira- Ramírez e Marín- Díaz (2012, p.

18) “la educación fue una de las prácticas fundamentales definidas para el gobierno de las poblaciones”.

Dessa forma, as oficinas têm como função, também, o governo das crianças e dos jovens, educação esta que não funciona no período escolar, mas que está implicada pela instituição escola, visto que, são delas que partem os sujeitos a serem educados/governados. Ainda para Nogueira- Ramírez e Marín-Díaz (2012, p. 19):

esa sociedad es educativa porque, además de lá escuela, más allá de ella, el individuo precisó se enseñado, ser educado, aprender y continuar aprendiendo a lo largo de su vida. La sociedad educativa hace del mundo una gran escuela y de la educación un hecho permanente.

Pegando o gancho dos autores e fazendo relação com o cenário da cidade, é legítimo indicar que as escolas do bairro, ao terem como função a ordem social e a contenção de determinados riscos, não tenham conseguido lidar com a “desordem”. Realizamos a afirmação, fundado no acompanhamento da produção de políticas sociais que vem atualmente socorrer as escolas e acabam por incorporar a mesma função.

O projeto *BGV Rolezinhos* é um novo exemplo da incorporação desta função, só que a novidade que o mesmo traz e que outras políticas sociais não tiveram como ambição, é a atuação em conjunto com as mídias sociais. A consideração destacada não significa que o projeto seja algo que todas as crianças e jovens envolvidos aceitem deixar-se capturar sem resistências, devido à conexão da política com o meio virtual.

Aponta-se isso, levando em consideração algumas resistências do público alvo do projeto, presenciadas quando acompanhávamos alguns dos eventos. Dessa maneira, exemplo de crianças preferirem ficar brincando e jogando futebol em campos do bairro enquanto o projeto funcionava, ou preferirem não ficar no local e irem para casa e até a preferência pelas conversas nas esquinas do bairro.

Como foi frisado na etapa anterior deste texto, o rolezinho nas capitais demonstravam relações de poder que poderiam ser pensadas a partir da configuração estabelecidos-*outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000). Essa configuração também pode ser pensada na relação do projeto *BGV Rolezinhos* com seu público alvo, pois os cenários mudaram, mas as ênfases não.

Nas circunstâncias que envolvem a cidade do Rio Grande - RS, as práticas do projeto são propostos por indivíduos representantes de um órgão governamental (SMCAS). Por esse espaço ocupado, são quem organiza os eventos, quem faz os planejamentos e quem escolhe o que propor e por isso, ocupam o lugar dos estabelecidos nas relações de poder.

São os estabelecidos, pois além do que foi anunciado ocupam espaços de onde partem as práticas educativas na sociedade, produzem e seguem regras que vão de acordo com a norma estabelecida e no discurso estão ocupando o lugar “verdadeiro” na atualidade. Na sequência, as crianças e os jovens do bairro ocupam o lugar dos *outsiders*, pois assumem comportamentos de evasão escolar, de ficar em esquinas, de pixar espaços públicos e de não manter “boas” relações com determinadas autoridades.

É sob o viés de evitar esses tipos de atitudes comportamentais e não permitir que eles acabem nas ações relacionadas com a drogadição e os homicídios, que o projeto *BGV Rolezinhos* juntamente com sua interação com as mídias sociais, vem atuando massivamente.

O PROJETO *BGV ROLEZINHOS* COMO ESTRATÉGIA BIOPOLÍTICA

Em termos de funcionamentos o projeto *BGV rolezinhos* está constituído por práticas esportivas e de lazer como o grafite, as oficinas de skate, a dança, a música e outras atividades que investem na vida das crianças e jovens do bairro Getúlio Vargas. Desta maneira, aponta-se que tais ações educativas estão interpeladas por duas formas de poder tratadas por Foucault (2014) que é o poder disciplinar e a *biopolítica*.

Para o autor, estes poderes vão atuar no sentido de ordenar, gerenciar e gerir a vida, ou seja, poderes “que se exerce [...], sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício sobre ela de controles precisos e regulações em conjunto” (ibidem, 2014, p.147). Nas questões que envolvem as relações de poder exercidas entre os envolvidos no e pelo projeto, toma-se às articulações de Foucault sobre o poder como um suporte, o poder que se exerce sobre a vida, a vida dos indivíduos, poder capilarizado nas oficinas educativas.

O primeiro (disciplinar) “desenvolveu-se a partir do século XVII” (ibidem, 2014, p.149). Um poder que se centrou no corpo como máquina, no seu adestramento, na ampliação das aptidões, na docilidade dos indivíduos. Ao lado desse poder disciplinar, estão algumas instituições, como a escola, o quartel, as fábricas e outras, em que a disciplina deve funcionar; algumas são utilizadas pelo projeto *BGV rolezinhos* para fazer funcionar as oficinas.

Entre as instituições apontadas acima, as escolas do bairro, são os locais de funcionamento de parte dos projetos. Desta maneira, o projeto social ao se propor atuar nas escolas e com o público desta passa a utilizar de formas em comum de funcionamento com a mesma.

Essa informação refere-se a uma série de fatores que vão desde: os horários definidos de entradas e saídas, as filas para acessar lanches, à contratação de educadores para atuação e a ideia que tal espaço é um complemento do escolar. Desta forma, ganha visibilidade e busca-se construir modos de viver tidos como “corretos” que são compactuados pela política e pelas escolas.

Os modos de viver compactuados são: a ideia da produção do “sujeito do bem”, de família patriarcal, que não consomem substâncias como drogas e álcool, que não utilizam das esquinas para passar o tempo livre e que buscam o crescimento profissional. Em contrapartida, refutam comportamentos contrários aos colocados acima e assim sendo, buscam disciplinar os corpos dos indivíduos para que eles possam autogerir-se.

A segunda forma de poder estabelecida é o da regulação das populações, também conhecido como *biopolítica*, o qual se formou um pouco mais tarde do que o poder disciplinar. Segundo Foucault (2014, p.150), tal poder “se forma por volta da metade do século XVIII e está centrado no corpo - espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos”.

Nesse sentido, ganham importância à atenção, à proliferação, os nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade dos indivíduos e, para o projeto *BGV rolezinhos*, o controle dos homicídios e dos números de violência através das oficinas educativas imbricadas nas mídias sociais. Para este cenário problematizado, passam a ser construídos fatores que possam intervir nos níveis do que se trata como violência, tendo, na estatística, a principal forma de diagnosticar tais níveis.

Segundo Traversini e Bello (2009, p. 143,148 e 149 grifos meus):

A estatística pode ser entendida como um meio, composto por saberes e procedimentos técnicos específicos, que é utilizada por governos das diferentes esferas públicas para situar comunidades com altos índices de criminalidade, por exemplo, como sendo de risco social. Analisar como conduz a conduta desse conjunto de indivíduos para sair da condição de violentos é tomar a prática da gestão do risco como uma forma de governar que necessita do saber estatístico para tomar decisões. [...] se números, medidas, índices e taxas adquirem importância nas ações governamentais, seja no âmbito político, econômico, social, educacional, é para que os mesmos sejam utilizados na invenção de normas, de estratégias e de ações no intuito de dirigir, de administrar e de otimizar condutas individuais e coletivas em todos os aspectos.

No caso do projeto, o poder de regulação entra em funcionamento no bairro, para investir nas vidas humanas que ali estão, uma vez que, esses indivíduos compõem os dados estatísticos dos homicídios na cidade, tanto na parte que o cometem, quanto na parte dos que são vítimas. Desta forma, por meio das estatísticas, construiu-se um saber sobre os locais tidos como violentos e sobre tais populações e neste cenário os números produzidos legitimam intervenções educativas.

É importante frisar, que para Foucault, não se trata da substituição de um poder por outro, o disciplinar pela biopolítica, uma vez que ambos são dois pólos interligados e complementares em estratégias da atuação. Desta forma, fica indicado até aqui, o quanto os números estatísticos autorizam as intervenções e as movimentações no campo educacional da cidade para regular índices de violência.

Para Fonseca (2000 p. 227 e 228):

A disciplina normaliza, pois analisa, decompõe os indivíduos, os lugares, o tempo. Normaliza porque classifica os termos decompostos, estabelece sequências e ordenações entre eles, fixa procedimentos de adestramento e de controle e, a partir daí, estabelece uma separação entre o normal e o anormal [...] Em relação aos dispositivos de segurança, como se normaliza? Este mecanismo Foucault exemplifica fazendo referência aos procedimentos de vacinação e de variolização e do século XVIII. Em tais dispositivos tratava-se de combater as normalidades “mais desfavoráveis” para um estado mais favorável.



Neste sentido, ambos os poderes têm implicação na política local e buscam a normalização de uma situação que é tida como verdade absoluta, e que aponta o bairro e a cidade como violenta atualmente. Os números estatísticos demonstram e atestam, e sob seu crivo, fica inviável que possa-se duvidar que o projeto é realmente necessário.

Portanto, o alargamento das fronteiras educacionais na cidade, que são constituídas nesse período na educação escolar e nos projetos sociais como o *BGV rolezinhos* estão imbricados no cenário atual. Essas têm sido as respostas para os acontecimentos inesperados na cidade e no bairro, o que por sua vez, tem se constituído como desafios para sociedade como um todo.

Dessa forma, aponta-se para as políticas educativas como responsáveis a evitar que uma sociedade como esta, continue “violenta” em excesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar as mídias sociais para acessar crianças e adolescentes é uma novidade no funcionamento dos projetos sociais na cidade do Rio Grande - RS. Novidade essa, utilizada pelo projeto *BGV Rolezinhos* como estratégia de acesso e captura dos indivíduos da periferia para atingir fins relacionados à segurança pública. Neste sentido, não é de estranhar que tal artefato passe a ser constituído como uma ferramenta, uma vez que, essa nunca esteve tão imbricada na vida das massas populacionais.

Se por um lado, o objetivo dos projetos sociais no passado se dava no enfrentamento a violência e a drogadição pelas vias do esporte e das práticas culturais, por outro, os projetos atuais não abandonaram tais práticas, apenas potencializaram elas. Essa argumentação se dá apoiado no exemplo do projeto *BGV Rolezinhos*, que na atualidade coloca para funcionar as práticas educativas, esportivas e incorporou as mídias sociais nos seus investimentos.

Talvez, a incorporação da tecnologia digital como novidade contemporânea ao projeto, esteja alicerçada no fato que durante o cerco realizado as ações criminais no passado, os projetos esportivos e educativos não deram a resposta almejada pelas vias Governamentais. Sendo assim, suspeitamos que a incorporação da ferramenta digital esteja alicerçada na ideia que ela possa ser constituída para um enfrentamento vitorioso na gerência dos homicídios na cidade e no bairro.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FONSECA, Márcio Alves. Normalização e direito. In: BRANCO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 218-232.
- _____. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2014
- FRANÇA, Vera. DORNELAS, Raquel. No bonde da ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira? **Revista Ecopós comunicação e gosto**, v. 17, n. 3, 2014.
- MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Nojo de pobre: representações do popular e preconceito de classe. **Revista Contemporânea**, v. 1, n. 23, 2014.
- TRAVERSINI, Salete Clarice; LÓPEZ BELLO, Samuel Edmundo. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, 2009.
- NOGUEIRA-RAMIREZ, Carlos Ernesto; MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. Governar: La educación como arte de gobierno. **Cadernos de Pesquisa**. v. 42, n. 145, p. 14-29 jan/abr. 2012.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais I: Dossiê sobre cultura popular urbana**. s.d.
- POLL, A. Menino de 16 anos morre após ser atingido por tiro no rosto: o tiro foi disparado por outro menor, de 14 anos, em frente a uma escola. **Jornal Agora**. Rio Grande, p. 9. 10 mar. 2016.
- Prefeitura Municipal do Rio Grande. **JOVENS RIO-GRANDINOS SAEM VITORIOSOS DO PRIMEIRO ROLEZINHO ESPORTIVO**. 2014. Redigido por Débora Klein. Disponível em:



<<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+e9dbe5,,jovens-rio-grandinos-saem-vitoriosos-do-primeiro-rolezinho-esportivo.html#.WLjK2lUrLIV>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

VIANA, Nildo. O significado dos rolezinhos. **Revista Posição**, v. 1, n. 1, jan/mar. 2014.

Recebido em 30 de junho de 2018.

Aprovado em 21 de agosto de 2018.